

PROCEDIMENTOS CRIATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA PALESTRA – PERFORMANCE PARA PENSAR O FIM DO EU

Larissy Maria Rodrigues Simião¹ Maria Odette Monteiro Teixeira²

Resumo: Este resumo objetiva apresentar os caminhos percorridos no processo de criação da Palestra – Performance *Para Pensar o Fim do Eu*. A palestra é fruto do projeto *A Lírica dos Anjos Transformada em Drama*, vinculado ao grupo de pesquisa Dramaturgia e Encenação. O impulso inicial da pesquisa foi movido pelas perguntas: *Como construir um espetáculo contemporâneo a partir das poesias do poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884 a 1914)? Como levar o universo mórbido e pessimista deste poeta, ao palco do século XXI? Como construir uma cena que supere a declamação de poemas?* O trabalho deslança das leituras e pesquisas voltadas à obra poética do paraibano Augusto dos Anjos, com o intuito de investigá-las e experimentá-las na cena teatral contemporânea. A partir das poesias presentes no livro *Eu* (1912), chegou-se a forma da Palestra – Performance, que correlaciona teoria e performatividade em sua construção, transitando entre momentos de lirismo, ficção, realidade e reflexões acerca da morte e da doença.

Palavras-chaves: Augusto dos Anjos. Eu. Palestra – Performance.

O presente trabalho tem como intuito partilhar o processo de criação da Palestra – Performance *Para Pensar o Fim do Eu*, experimento cênico fruto do projeto *A Lírica dos Anjos Transformada em Drama*. O projeto citado investiga possibilidades criativas e artísticas na cena teatral contemporânea, a partir das poesias do poeta paraibano Augusto dos Anjos, trata-se de pesquisa vinculada ao grupo de pesquisa Dramaturgia e Encenação. O projeto tem por objetivo

¹ Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Intérprete-criadora/Atriz e Performer no Coletivo Dama Vermelha. Intérprete em D(R)AMAFIX Plataforma PodTeatro. Bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC-URCA – Projeto *A Lírica dos Anjos Transformada em Drama*. Email: larissy.rodrigues@urca.br

² Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil (2015). Professora adjunta da Universidade Regional do Cariri – URCA, Brasil. Email: maria.monteiro@urca.br

apresentar o referido trabalho em mostras e escolas de ensino médio, localizadas na cidade do Crato - CE.

O impulso inicial da pesquisa foi motivado pelas perguntas: *Como construir um espetáculo contemporâneo a partir das poesias do poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884 a 1914)? Como levar o universo mórbido e pessimista deste poeta, ao palco do século XXI? Como construir uma cena que supere a declamação de poemas?* A partir dessas inquietações iniciou-se uma investigação sobre as poesias do poeta paraibano. A intenção de pesquisar Augusto dos Anjos deriva de um encantamento da pesquisadora Larissy Rodrigues com a expressividade dessa poesia.

Por outro lado, o universo sombrio e melancólico do referido poeta adequou-se ao clima que vivenciávamos, visto que a pandemia do COVID-19 afetara de forma contundente nossas vidas, deixando um saldo seis milhões de vidas perdidas no mundo, sendo que o Brasil perdera quase setecentos mil, fruto de uma necropolítica incapaz de perceber a necessidade urgente das vacinas. Assim sendo, vivemos, literalmente, cercados pelo tema da morte enquanto éramos alfabetizados por uma linguagem técnica relacionada à enfermidade, portanto, associar esse ambiente ao universo do poeta paraibano foi inevitável.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos foi um poeta brasileiro, nascido no Engenho Pau D'Arco, na Paraíba, em 1884. Fruto de família de usineiros decadentes, o jovem se formou em Direito em Olinda, onde entrou em contato com a ciência de Ernest Haeckel (1834 - 1919), Herbert Spencer (1820 - 1903) e Charles Darwin (1809 - 1882), bem como com a filosofia de Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) e Friedrich Nietzsche (1844 - 1900). Essas influências foram decisivas na obra do artista, que mescla em sua poética o cientificismo positivista à visão pessimista da existência. Desde muito cedo ele se encantou pela literatura, mas sua escrita não se enquadrou às correntes literárias que atravessaram seu tempo.

O vocabulário cientificista, o gosto pelas temáticas que envolviam a morte, a doença e a degradação do corpo, marcaram seus versos, bem como as poesias escritas no formato do soneto. Em vida publicou um único livro *EU*, publicado em 1912, no qual reúne um compilado de poesias que só foram reconhecidas após seu falecimento, em 1914. Em 1920, o *Eu* ganhou uma

segunda edição realizada pelo jornalista e dramaturgo paraibano Órris Soares (1884 - 1940), essa publicação foi acrescida de poemas inéditos.

Embora tenha falecido ainda muito jovem, com apenas trinta anos, Augusto dos Anjos deixou contribuições importantíssimas para a lírica brasileira.

O Poeta da Morte, tornou-se reconhecido por sua poética original, difícil de classificar, cujos versos transitam com facilidade entre o universo erudito e o popular. Sua escrita enigmática e mórbida seduz acadêmicos como os poetas Alexei Bueno e Ferreira Gullar, assim como encanta iletrados das camadas populares. A poesia do paraibano se organiza na forma tradicional do soneto, nesse sentido, revelando uma similaridade com a estética parnasiana, sua contemporânea. Contudo, a ousadia do conteúdo de seus versos o aproxima das vanguardas do século XX. Augusto dos Anjos foi classificado pela crítica literária como um pré-moderno, mas é possível encontrar em sua poesia aspectos que o vinculam ao movimento expressionista.

A poesia do *Eu* desfaz a pieguice e a romantização clássicas do gênero lírico, ao abandonar o vínculo entre o belo e a poesia. Seu estilo eclético de conteúdo existencialista assombra o leitor. Ao falar da morte, o artista não se furta a apresentar o aspecto físico da situação, expondo imagens cruas do corpo putrefato. Segundo o historiador Danilo Linard Teodoseo (2019):

Entrar em contato com a poesia de Augusto dos Anjos é adentrar no universo metafórico soturno, fúnebre. É caminhar pela noite, é transitar entre cemitérios e túmulos, é conversar com coveiros, é sentir a fermentação de odores e licores corporais, é manter contato com vírus, bactérias e vermes. (TEODOSEO, 2019. p. 11)

Diante do exposto, fica claro o desafio que o projeto enfrentaria. Como estabelecer um diálogo entre as poesias desse autor? Como construir uma corporeidade para dramatizar esses versos? Essas foram as novas questões que surgiram no processo.

No Dicionário de Teatro de Patrice Pavis (2003), especialmente no verbete “poesia no teatro”, o teórico francês se pergunta sobre a validade do uso do texto poético na cena teatral questionando a relação entre a poesia e a cena teatral, uma vez que o texto poético pressupõe uma leitura individual, há nele um enigma que não passaria pela ideia de ação. Nesse sentido, Pavis apresenta o seguinte desafio “Para a poesia no teatro, o que importa não é

saber se se representa um poema, mas se o texto representado contém em si uma grande poeticidade e que consequência essa carga poética terá na representação teatral.” (PAVIS, 2003. p. 264). Portanto, a natureza autossuficiente da poesia seria o desafio maior para levá-la ao palco. Por outro lado, o ecletismo do teatro contemporâneo nos permite ultrapassar as fronteiras entre gêneros e experimentar outros suportes que nos conduzam a um fazer teatral estimulante.

No livro *O Arco e a Lira* o poeta e ensaísta mexicano Otavio Paz (1982, p. 135) aponta que “o poema é linguagem em tensão: em extremo de ser e um ser até o extremo”. O desafio, portanto, foi buscar a referida tensão nas palavras do poeta paraibano, procurando nesses vocábulos narrativas capazes de criar cenas expressivas.

O projeto teria de ser viabilizado com uma única atriz, num primeiro momento cogitamos criar um monólogo a partir de uma colagem de poesias. A escolha dos poemas se deu após a leitura minuciosa do conteúdo do livro *Eu*. Contudo, o receio de criar algo pouco original nos encaminhou para o formato da Palestra – Performance, um gênero híbrido que conjuga teoria e arte e vem sendo utilizado por artistas como as portuguesas Joana Craveiros³ e Grada Kilomba⁴. Dentro dessa perspectiva, o experimento que intencionamos criar conjugaria a apresentação de poesias, informações sobre a biografia e a obra do poeta Augusto dos Anjos, com informações sobre a performer Larissy Rodrigues e indagações sobre a morte e a doença na vida dos seres humanos. Intencionamos ver justapostos momentos de lirismo, ficção e realidade.

Para a elaboração da Palestra – Performance foram realizados muitos encontros com artistas e pesquisadores da obra de Augusto dos Anjos, destaque primeiramente a palestra do professor doutor Jerônimo Vieira, diretor de um ballet e espetáculo teatral sobre a obra do poeta paraibano. Merece igual evidência a entrevista que realizamos com a professora doutora Lúcia Agra, do departamento de letras da URCA, que incentivou a leitura do livro *As Dores do*

³ Atriz, performer e directora artística do colectivo Teatro do Vestido (Portugal) , criado 2001, e no qual dirigiu mais de 30 projectos. Disponível em: <https://ihc.fcsh.unl.pt/joana-craveiro/>

⁴ Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise. Na esteira de Frantz Fanon e bell hooks, a autora reflete sobre memória, raça, gênero, pós-colonialismo, e a sua obra estende-se a performance, encenação, instalação e vídeo. Disponível em: <https://www.cobogo.com.br/grada-kilomba>

Mundo de Arthur Schopenhauer, obra fundamental para a compreensão do universo teórico que cerca Augusto dos Anjos. É importante acrescentar também a conversa que realizamos com o historiador Danilo Linard Teodoseo, autor de uma proveitosa tese sobre Augusto dos Anjos, cuja leitura acrescentou elementos para pensarmos os vínculos entre a estética augustiana e os temas da morte e da doença. Para além dos estudiosos citados, o contato com as obras *História da Morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias*, do historiador Phillippe Ariès (2012), e *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*, do teórico político Achille Mbembe (2018), foram imprescindíveis para compreendermos e dialogarmos sobre a negação da morte nas sociedades ocidentais e a influência cultural do tema nas civilidades atuais, por outro lado, o texto de Mbembe nos permitiu compreender a necropolítica do estado autoritário que permite o recrudescimento das desigualdades sociais.

A partir da concepção da Palestra – Performance, pudemos expandir discussões acerca das temáticas que envolvem a morte, a doença, a política e a pandemia do COVID-19, essa última sendo um recorte trágico recente, vivenciado por todo o mundo. A partir dessas temáticas, correlacionamos às questões sociais atuais aos temas abordados pelo autor em suas poesias.

Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Copa – 254. Edições de Ouro. Coleção Universidade.

TEODESEO, Danilo Linard. **O tempo, a ficção e a morte: as escritas de Augusto dos Anjos (1901-1920)**. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2019.